

Texto e contexto brasileiro: representações da empregada doméstica em livros didáticos de PBE contemporâneos

Vera Lúcia Tomaz¹

Este texto originou-se em pesquisa de mestrado intitulada *Representações da empregada doméstica em livros didáticos destinados ao ensino da língua e da cultura do Brasil a estrangeiros*, que teve sua motivação em aulas de português por mim ministradas para mulheres estrangeiras que viviam no Rio de Janeiro, para onde tinham vindo acompanhando seus maridos, muitos deles funcionários de multinacionais.

Embora muitas de minhas alunas, em seus países de origem, anteriormente exercessem atividades profissionais variadas, aqui no Brasil se restringiam ao espaço doméstico, administrando o cotidiano de suas casas e cuidando de suas famílias, geralmente com o auxílio de empregadas brasileiras. Para dar conta das atividades de donas de casa, contratando serviços, fazendo compras, providenciando reparos, entre outras tarefas, precisavam interagir adequadamente no novo contexto linguístico e cultural em que estavam imersas.

Ao preparar minhas aulas, observei, em livros didáticos de Português do Brasil para Estrangeiros (PBE) em circulação, diversas representações de situações de compras e de contato com profissionais que prestam serviços variados, inclusive realizando reparos e manutenção no espaço da casa (Ex.: pedreiros pintores, eletricitistas etc.), mas eram raras as situações representativas de contatos entre patroas e empregadas.

Nas nossas aulas de língua e cultura, as alunas estrangeiras frequentemente relatavam que, em sua convivência com as empregadas brasileiras, iam surgindo dificuldades de comunicação e de resolução de mal entendidos e atritos. E, frequentemente, essas situações de comunicação entre patroa e empregada doméstica passavam a constituir o foco de nossa aula de português. Minhas alunas estrangeiras não só tinham pouca informação sobre o universo cultural e linguístico de suas domésticas, com as quais precisavam manter contato cotidiano e direto e estabelecer uma boa interação, mas também, geralmente, pouco sabiam sobre a formação da sociedade brasileira, a trajetória dessa categoria profissional e as suas origens na escravidão.

Focalizando-se o trabalho doméstico no contexto brasileiro atual, ainda podem ser observados traços da sociedade escravista, envolvendo relações de gênero, poder e afetividade entre mulheres. As funções de patroa e empregada podem ser consideradas semelhantes

¹ Este texto da associada se refere à sua dissertação de mestrado *Representações da empregada doméstica em textos de livros didáticos destinados ao ensino da língua e da cultura do Brasil a estrangeiros*, defendida na Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, em 2017.

enquanto pertencentes a uma mesma categoria social - a de mulher - mas os papéis se diferenciam quando a segunda faz trabalho remunerado na casa da primeira.

É possível que, na atualidade, o estatuto ainda precário das empregadas domésticas em nosso contexto, por constituir um aspecto negativo de nossa sociedade, tenha gerado um quase apagamento de representações dessas profissionais nas situações de interação no contexto doméstico delineadas nos textos de livros didáticos destinados ao ensino da língua e da cultura do Brasil a estrangeiros.

Nas leituras feitas durante o preparo de minhas aulas e em meus estudos universitários, observei, em várias publicações do domínio jornalístico e acadêmico, a existência de um interesse crescente em abordar conflitos envolvendo questões de gênero no espaço da rua e também no universo doméstico, quase sempre invisível e desvalorizado, por ser considerado inferior e exclusivamente feminino. Nesse universo, patroa e empregada compartilham papéis sociais atribuídos, em nossa sociedade, à identidade feminina. Segundo Kofes (2001, p. 42), na categoria social mulher e no lugar que define tal categoria, o doméstico, estão inscritos papéis e funções relacionados a uma das instâncias da divisão sexual nas sociedades humanas, a família, e à unidade doméstica. Por outro lado, na relação patroa/empregada, observam-se diferenças de estatuto e desigualdade de poder relacionadas aos papéis que desempenham no cotidiano - empregadora e empregada.

Refletindo sobre isso, decidimos desenvolver nossa pesquisa de mestrado (na Universidade Federal Fluminense) considerando: a) o grande número de estrangeiros que hoje vivem no Brasil com suas famílias, recorrendo aos serviços de domésticas; b) as dificuldades culturais e linguísticas presentes na relação entre patroas estrangeiras e empregadas brasileiras; c) a carência de materiais de ensino que enfoquem situações de interação no cotidiano doméstico brasileiro; d) a importância dos materiais didáticos de língua estrangeira na veiculação de imagens mentais e na construção de representações da cultura-alvo pelos aprendizes; e) o interesse atual por pesquisas que iluminem aspectos do contexto social e cultural brasileiro que vêm sofrendo uma espécie de apagamento.

Nosso objetivo foi analisar, em textos de materiais didáticos de PBE publicados no Brasil, as representações da empregada doméstica – categoria desvalorizada econômica, social e historicamente - pretendendo verificar como essa profissional vem sendo apresentada aos aprendizes estrangeiros. Verificamos como se configuram essas representações nos textos verbais e não verbais oferecidos à leitura do outro, do estrangeiro, em livros didáticos de PBE em circulação nos séculos XX e XXI e com que frequência são registradas, relacionando-as com o contexto social do tempo e do espaço da publicação das obras em que se inscrevem.

Baseando-nos em estudos sobre a Teoria das Representações Sociais (Jodelet, 2001), sobre o trabalho doméstico no Brasil (Kofes, 2001) e pesquisas sobre as representações da mulher e do trabalho em materiais de ensino de PBE publicados no país (Carvalho, 2015), analisamos em livros didáticos de PBE, quando e como a categoria empregada doméstica é representada, os contextos em que se inscrevem suas representações e como se configura a relação entre patroa e empregada nos textos em que se presentifica.

Neste texto, apresentamos um recorte dessa análise, que contempla as representações registradas nos materiais pesquisados, publicados nas décadas de 1990 e de 2000, período em que o ensino de PBE adquiriu maior visibilidade: *Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação!* (BV), *Português tal qual se fala no Brasil* (PTQFB), *Novo Avenida Brasil* (NAB) e *Terra Brasil* (TBr).

Na transição dos anos 1990 para os 2000, temos *Bem-Vindo!*, de Ponce e colaboradores, que em unidade intitulada *O Lar* (p. 88), traz um texto sobre as dificuldades dos casais brasileiros que trabalham fora para encontrar quem cuide das crianças e apresenta as profissões de empregada doméstica e de babá em nosso contexto como “duas das profissões mais importantes nos dias de hoje”. O texto destaca ainda que a preparação específica para essas profissões se faz na prática, pois não há cursos preparatórios e que essas mulheres em geral começam a trabalhar muito jovens. Acrescenta que, nas grandes cidades brasileiras, é frequente que adultos que trabalham precisem de empregadas domésticas e babás, que, por vezes, assumem até funções que geralmente seriam de responsabilidade da família.

O texto de BV é seguido de tarefa que propõe aos aprendizes que se imaginem como pessoas que trabalham muito e que precisam contratar uma babá para cuidar de seus filhos gêmeos e uma faxineira para limpar a casa. A tarefa solicita que, pensando em uma entrevista com as candidatas aos empregos, os aprendizes estrangeiros imaginem perguntas relevantes que fariam sobre seu passado, presente, desempenho das funções profissionais e solução de possíveis problemas surgidos no serviço a ser executado. Essa atividade, que se conecta com a realidade doméstica, se for bem conduzida pelo professor de PBE, pode ser produtiva, dando insumos para o aprendiz estrangeiro refletir sobre a situação de comunicação proposta, o perfil dos interlocutores imaginados, a delimitação do foco das perguntas e sua formulação e ainda a projeção e discussão de possíveis respostas. A atividade dá ainda ao professor de PBE a oportunidade de pedir que o aprendiz estrangeiro defina o perfil desejado para o candidato ao emprego e, levando-o em conta, mencione o que, como empregador, julgaria positivo e negativo nas respostas dadas pelos candidatos.

No livro *Português tal qual se fala no Brasil*, de Mariani e Oliveira (1998), também do final da década de 1990, os diálogos têm como fio condutor o cotidiano da família Silva, de

classe média e vivendo em uma cidade do interior paulista. Uma personagem muito presente nesses diálogos, desde a primeira lição, é a empregada Luísa, que vive com a família há muito tempo. Os diálogos das 18 lições da obra são seguidos, em cada uma delas, por um vocabulário ilustrado e uma única seção denominada *Conversação*, com perguntas e respostas objetivas. Entre as perguntas, em três lições, encontram-se algumas referidas diretamente à Luísa: “- Quem é Luísa? - Luísa é a empregada doméstica.” (p. 6); “- Quem vai fazer o almoço – Luísa vai fazer o almoço.” (p. 10); - Por que Luísa vai telefonar para a cabeleireira? - Porque é preciso marcar hora.”(p. 14). A empregada doméstica representada na obra em foco, além de fazer todo o serviço, limpando a casa, cozinhando e servindo os membros da família, ainda faz serviços de secretária, cuidando da agenda da patroa. Nos textos de PTQFB, o trabalho da doméstica, umas raras vezes, é dividido com as mulheres da família - a dona da casa e, mais raramente, a filha. Os homens da casa, marido e filhos, nunca são representados colaborando com as tarefas domésticas, o que está em sintonia com o exposto por Kofes (2001).

Na lição intitulada *Ida para a escola/ o trabalho* (p. 10), a empregada Luísa é apresentada recebendo ordens (formas de imperativo) da patroa, como: “- Luísa, prepare aquelas verduras e legumes que deixei em cima da pia, para o almoço. Faça uma bela salada, bife a milanesa e purê de batata.” e sempre respondendo respeitosamente “- Sim, senhora”. As ordens da patroa continuam “- E deixe o suco para preparar na hora, senão as laranjas perdem as vitaminas”, fala seguida de comentário do patrão, ao que parece, em defesa da empregada “- Meu bem, ela até já decorou isso...”, que tem a seguinte resposta da mulher “- Nunca é demais lembrar”.

O detalhamento das instruções e a repetição das ordens dadas pela patroa à empregada, apresentada na primeira lição como antiga na casa e, portanto, conhecendo bem os seus hábitos, e o comentário final da patroa levam a crer que ela duvida da competência de Luísa para seguir as suas ordens e as reforça com recomendações que fazem parte do ritual doméstico diário apontado por Kofes (2001, p. 166). Segundo a autora, em nossa sociedade, as patroas declaram que valores como confiança e a adequação aos costumes da casa só são adquiridos pelas empregadas com o tempo.

Em PTQFB, o professor de PBE e o aprendiz estrangeiro não encontram propostas de tarefas que contribuam para a prática do português em situações de comunicação com domésticas, porém, como são inúmeros os diálogos e ilustrações em que a empregada é representada, o docente com a formação adequada, após a observação e a discussão com os alunos dos contextos de interlocução, atitudes e comportamentos representados, tem a chance de elaborá-las e de desenvolvê-las.

No texto que se segue, do volume 1 do livro *Novo Avenida Brasil*, de Lima e colaboradores, é focalizado o dia a dia da empregada, dividida entre dois universos domésticos: o cotidiano da casa da patroa e o de sua própria casa. Surge ao lado de outro sobre as atividades diárias da patroa em seu trabalho de professora e ambos são encimados pelo título *O dia-a-dia de duas brasileiras* e acompanhados por fotos: a da professora diante do quadro-negro e a da empregada diante de uma pia cheia de louça.

Moro na periferia, longe do meu emprego. Levanto muito cedo, dou café para minha família e vou trabalhar. Tomo dois ônibus. Chego às 8 horas na casa da minha patroa. Limpo a casa, lavo e passo roupa, faço o almoço e arrumo a cozinha. Às 4 horas, vou para casa. Mais dois ônibus! Em casa, eu tenho muito serviço, mas o que posso fazer? Meus filhos, graças a Deus, já estão trabalhando: dois na fábrica, os outros, num supermercado. O Zeca vai à escola à noite. Ele diz que gosta de estudar. (NAB -1, p. 44)

Esse texto é seguido por dois pequenos diálogos, nos quais patroa e marido e empregada e amiga conversam sobre como passaram seu dia (a primeira passeando com os filhos e a segunda saindo do trabalho mais cedo e conseguindo um tempo para pôr a própria casa em ordem). Nenhuma tarefa é proposta em seguida a esse instigante conjunto de textos (registrando-se apenas atividades de compreensão a partir de questões objetivas e exercícios de uso de formas verbais). A informação condensada no conjunto de textos referente ao cotidiano da doméstica e da patroa representadas em NAB-1 pode, porém, dar margem ao professor de PBE para a elaboração de variadas tarefas de produção e de leitura e discussão de outros textos que também abordem os temas que neles afloram: o cotidiano dos trabalhadores brasileiros que moram na periferia dos grandes centros; a desigualdade, em nossa sociedade (educação, trabalho, moradia, transporte etc.); a dupla jornada de trabalho feminina.

Em *Terra Brasil*, de Dell'Isola e Almeida, há, na Unidade 5, um diálogo intitulado *Conversa de patroa e empregada* (p.112), no qual patroa e empregada, diante do fogão, conversam sobre a dieta do patrão. O diálogo tem como um dos objetivos linguísticos apresentar aspectos do “falar popular brasileiro”, representados na fala da empregada. É seguido por uma atividade de compreensão, por outra de retextualização de falas populares em falas cuidadas e ainda por um texto expositivo que se propõe a explicar aos aprendizes estrangeiros as variantes linguísticas do português, ressaltando que a variante popular e/ou regional não deve ser desprezada. A partir desse material, o professor pode, por exemplo, trabalhar em aula textos orais e escritos representativos das diferenças, em diferentes planos linguísticos, entre a variedade popular e a padrão.

CONCLUSÃO

As representações das domésticas nos textos verbais e não verbais dos livros de PBE analisados, que configuram essa profissional geralmente interagindo com patroa e mais raramente com outros membros da família, refletem uma sociedade com costumes ainda com influência do período colonial e escravista que, mesmo com a transição para o trabalho assalariado, não conseguiu se livrar de uma visão pejorativa do trabalho braçal. Esse aspecto social pode ser observado, nos textos analisados, principalmente no que diz respeito à caracterização do *personagem empregada*, às normas de conduta e papéis sociais explicitados ou sugeridos nas interações representadas entre os membros da família e a trabalhadora doméstica no espaço da casa.

O fato de os materiais analisados serem, em sua maioria, de autoria de mulheres de centros urbanos da região sudeste do Brasil, possivelmente de classe média e empregadoras, em seu espaço doméstico, de outras mulheres, nos permite supor que as vivências, crenças, valores, imagens que compartilham, na perspectiva de seu gênero, tenham contribuído para a configuração das representações que constituem nosso objeto de estudo.

As representações da língua e da cultura do Brasil que circulam em textos de livros didáticos destinados ao ensino de nossa língua e cultura ao outro, ao estrangeiro, constituem certamente um ponto de partida para que vá construindo, em sua própria perspectiva, suas representações de nossa realidade. Cabe ao professor de PBE, ao selecionar novos textos e elaborar atividades complementares àquelas do material de ensino adotado nas aulas, dar insumos para essa construção progressiva, possibilitando ao aprendiz estrangeiro uma inserção mais consciente e produtiva nas situações de comunicação que vivencia em seu cotidiano.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, A. M. M. G. L. de. **Representações do trabalho em textos de materiais didáticos de Português para Estrangeiros publicados no Brasil do século XX**. Niterói, 2015. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense.
- DELL'ISOLLA, R.; ALMEIDA, M. J. A. **Terra Brasil**: curso de língua e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. IN: Jodelet, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- KOFES, S. **Mulher, mulheres**: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas. Campinas/ SP: Editora Unicamp, 2001.
- LIMA, E. E. O. F. et al. **Novo Avenida Brasil - 1**. São Paulo: EPU, 2008.
- MARIANI, N.; OLIVEIRA, R.M.B.C. **Português tal qual se fala no Brasil**. Ribeirão Preto: Mauá, 1998.
- PONCE, M. H. de; BURIM, S. A.; FLORISSI, S. **Bem-vindo!** A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação. 8. ed. São Paulo: SBS, 2012.